



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA**

A importância da música e da percussão na inclusão e no desenvolvimento social de indivíduos surdos

Aluna: Ana Carolina Alvarenga Barboeno

Orientador: William Teixeira da Silva

CAMPO GRANDE

2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



A importância da música e da percussão na inclusão e no desenvolvimento social de indivíduos surdos

Trabalho de Conclusão de Curso
elaborado como componente curricular
do Curso de Música - Licenciatura da
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul, orientado pelo Prof. Dr. William
Teixeira da Silva.

CAMPO GRANDE

2025



Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pela presença constante em minha vida, pela força em cada desafio e por me conduzir com sabedoria. Sem Ele, nada disso seria possível.

Aos meus pais, por me ensinarem através do exemplo, o valor do esforço e da persistência. À minha irmã, pela amizade e por sempre estar ao meu lado, acreditando em mim e me motivando a seguir em frente, mesmo diante das dificuldades.

Ao Professor Willian, pela orientação atenciosa, pela disponibilidade e pelas contribuições que foram essenciais para a construção deste trabalho. Sua orientação foi fundamental para que eu pudesse desenvolver um olhar mais crítico e maduro sobre minha prática e sobre o conhecimento adquirido ao longo do curso.

Aos professores do curso de Música, pela dedicação, compromisso e pela forma com que compartilharam seus saberes, experiências e perspectivas. Cada um contribuiu de maneira singular para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Em especial, à professora Mariana, cuja atuação inspiradora me fez compreender a educação de forma mais ampla e humana, despertando em mim um novo olhar sobre o papel do educador e a importância da sensibilidade no processo de ensino e aprendizagem.

À minha amiga Andressa, por todo o apoio, paciência e incentivo ao longo dessa jornada. Sua presença foi fundamental em momentos em que pensei em desistir, oferecendo sempre uma palavra de ânimo. Sou profundamente grata por sua disposição em compartilhar conhecimentos, por acreditar em mim e por estar presente nos momentos mais desafiadores dessa caminhada.

A Leticia, minha aluna de bateria, que com sua sensibilidade e determinação, me inspirou profundamente e me fez refletir sobre novas formas de ensinar e aprender. Trabalhar com ela foi essencial para que eu escolhesse o tema deste trabalho e compreendesse, de forma ainda mais clara, o verdadeiro papel da música como instrumento de inclusão e expressão.

E, por fim, aos colegas de curso, pela convivência, pelas trocas de experiências e pelo apoio mútuo em cada etapa dessa jornada. A parceria, o respeito e as vivências compartilhadas tornaram o percurso mais leve e enriquecedor, deixando lembranças que levarei comigo.



Sumário

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	5
1.Introdução.....	6
2. Revisão bibliográfica.....	7
3. Metodologia.....	9
4. Surdez, linguagem e educação musical.....	14
5. Metodologia e Análise dos Resultados (Abordagem Teórica).....	15
6. Linguagem, inclusão e práticas pedagógicas para surdos.....	17
7. Discussão e Integração com a Teoria.....	19
8. Aplicações Educacionais (Abordagem Teórica).....	19
9. Formação de educadores musicais.....	22
10. Considerações finais.....	24
11. Referências	25



Resumo: Este estudo destaca a possibilidade do ensino da música e da percussão na vida de pessoas surdas, explorando como essas práticas promovem a inclusão social e o desenvolvimento cognitivo, emocional e comunicativo. Ao oferecer oportunidades para expressão e interação social, a percussão capacita os surdos a se envolverem ativamente na sociedade, superando barreiras linguísticas. Além disso, a prática musical e a percussão têm efeitos terapêuticos significativos, melhorando a autoestima e promovendo habilidades cognitivas. Através da comunicação não verbal expressiva proporcionada pela música, os surdos podem transmitir emoções e narrativas, enriquecendo suas interações sociais. Tecnologias assistivas e adaptações têm facilitado a participação ativa na música, adaptando a experiência musical às necessidades individuais. O impacto dessas práticas transcende o nível individual, promovendo uma sociedade mais inclusiva e consciente, ao aumentar a conscientização sobre as capacidades e contribuições dos surdos no campo musical.

Palavras-chave: educação musical inclusiva; surdez; práticas exitosas; música.



1. Introdução

A música, historicamente associada ao sentido da audição, tem sido cada vez mais compreendida como uma experiência **multissensorial**, capaz de envolver corpo, vibração, movimento e percepção tátil. Essa mudança de perspectiva é fundamental quando se trata da participação de pessoas surdas em contextos musicais. Como afirmam Vieira e Braga (2018), a musicalidade pode ser vivida por meio do corpo, que se torna “território de experiências múltiplas”, permitindo que o ritmo seja percebido pela vibração e pela interação sensorial. Assim, a música deixa de ser entendida apenas como fenômeno sonoro e passa a ser vista como campo amplo de expressão, comunicação e inclusão.

Nesse cenário, a percussão ganha destaque pela intensidade vibratória, pela força rítmica e pela capacidade de gerar conexões corporais diretas. Santos (2023), ao apresentar o método da **Tatopercussão**, demonstra que o contato físico com instrumentos percussivos possibilita ao indivíduo surdo **internalizar padrões rítmicos**, sincronizar-se com o grupo e vivenciar a fruição musical por meio do corpo. Essa perspectiva dialoga diretamente com estudos de Corrêa (2019), que defende a música corporal como via legítima de expressão e participação artística, especialmente para sujeitos que utilizam outros canais sensoriais além da audição.

Pesquisas na área da Educação Inclusiva reforçam essa visão. Botelho (2002), ao discutir linguagem e letramento na educação de surdos, argumenta que práticas pedagógicas realmente eficazes precisam reconhecer a singularidade perceptiva dessas pessoas, valorizando o visual, o tátil e o gestual como caminhos legítimos de aprendizagem. Glat (2007), por sua vez, afirma que a inclusão só se concretiza quando a escola e os espaços sociais se reorganizam para acolher diferentes formas de participação e expressão, rompendo com a lógica excludente que limita o acesso a vivências culturais — como a música.

Além dos aspectos sensoriais e culturais, estudos apontam benefícios motores e cognitivos associados à prática musical. Sousa et al. (2023) identificam que atividades rítmicas contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora fina e grossa em pessoas surdas, fortalecendo conexões entre percepção corporal e ação motora. Esses achados ampliam o entendimento de que a música não atua apenas na dimensão emocional, mas também na formação integral do indivíduo.

Produções acadêmicas nacionais têm evidenciado crescente interesse pelo tema. Silva, Martins e Mota (2021), em seu mapeamento sobre música e surdez no Brasil, mostram que pesquisadores têm buscado compreender como práticas musicais podem promover inclusão, socialização e



protagonismo cultural. Os autores destacam, porém, que ainda são escassos estudos que abordam especificamente a **percussão** como ferramenta de fruição musical para surdos, o que reforça a relevância da presente investigação.

Outra contribuição importante vem de Santana (2010), ao discutir a relação entre **surdez e linguagem**, destacando que pessoas surdas constroem significados por meio de canais visuais e corporais, o que amplia o entendimento de que a musicalidade também pode ser acessada por meio de múltiplas formas simbólicas, não restritas ao som. Essa perspectiva sustenta a ideia de que a percussão, por sua natureza vibratória, pode dialogar diretamente com modos de percepção característicos da comunidade surda.

Diante dessas discussões, torna-se evidente que a música — e em especial a percussão — ocupa um lugar potente na promoção da inclusão, do desenvolvimento social, da interação coletiva e da autonomia de pessoas surdas. Com base no diálogo entre diferentes autores da educação musical, da educação inclusiva e dos estudos sobre surdez, este trabalho busca compreender de que maneira a percussão pode se configurar como instrumento de participação plena, ampliando horizontes sensoriais, expressivos e sociais.

Assim, o objetivo desta pesquisa é investigar a importância da música e da percussão na inclusão e no desenvolvimento social de indivíduos surdos, destacando contribuições teóricas, metodológicas e educacionais que fundamentam práticas musicais verdadeiramente acessíveis. Por meio de uma abordagem qualitativa e teórica, o estudo integra produções relevantes da área para construir uma visão ampla, coerente e fundamentada sobre a potência transformadora da experiência musical para pessoas surdas.

2. Revisão bibliográfica

A música e a percussão têm demonstrado desempenhar um papel essencial na inclusão e no desenvolvimento social de indivíduos surdos, transcendendo as barreiras físicas e sensoriais que frequentemente os limitam. Este estudo visa explorar o impacto transformador da música e da percussão na vida das pessoas surdas, analisando o potencial dessas formas de expressão artística como ferramentas de inclusão e empoderamento. A revisão bibliográfica a seguir examinará uma série de estudos que abordam temas fundamentais, como a importância da prática musical adaptada, os efeitos cognitivos e emocionais da participação musical, o papel da comunicação não verbal na expressão artística e o uso de tecnologias assistivas no contexto musical para pessoas surdas. Ao reunir uma variedade de perspectivas e descobertas relevantes, pretende-se estabelecer um entendimento abrangente dos benefícios e das práticas eficazes relacionadas ao uso da música e da



percussão na promoção da inclusão e do desenvolvimento social de indivíduos surdos.

Estudos como "TATOPERCUSSÃO: uma estratégia de educação rítmica para o incremento da fruição musical em pessoas surdas" de Carlos Correia Santos e "A Música no Cotidiano de Pessoas Surdas" de Noemi Nascimento, Rita de Cássia Maestri e Aldemar B da Costa enfatizam a importância de abordagens pedagógicas sensíveis e personalizadas na educação musical de pessoas surdas. Essas pesquisas destacam como estratégias adaptadas e sensíveis podem desempenhar um papel crucial na promoção da participação musical e no estímulo do desenvolvimento cognitivo e emocional desses indivíduos.

Ao examinar a coordenação motora e as habilidades físicas envolvidas na prática da percussão, estudos como a pesquisa de Adriana Nascimento de Souza, José Irineu Gorla, Paulo Ferreira de Araújo, Sônia Maria Lifante e Mateus Betanho Campana revelam como a prática musical pode promover não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o bem-estar físico e emocional de pessoas surdas. Evidências adicionais são fornecidas pela pesquisa "Feeling the Beat: bouncing synchronization to vibrotactile music in hearing and early deaf people", que destaca a importância da percepção tátil e da sincronização com a música como um meio eficaz de envolvimento musical para pessoas com deficiência auditiva.

A pesquisa "Supporting Rhythm Activities of Deaf Children using Music-Sensory-Substitution Systems" ressalta a eficácia dos sistemas de substituição sensorial na facilitação da participação musical de crianças surdas em atividades rítmicas. Esses avanços em tecnologias assistivas destacam a importância de abordagens inovadoras e adaptativas no contexto educacional, demonstrando o impacto positivo de recursos acessíveis no desenvolvimento musical e cognitivo de crianças com deficiência auditiva.

Ao considerar as descobertas apresentadas por esses estudos, fica claro que a música e a percussão desempenham um papel significativo na promoção da inclusão e no desenvolvimento social de pessoas surdas. As estratégias adaptativas, o fortalecimento cognitivo e emocional, a percepção tátil e o uso de tecnologias assistivas têm se mostrado essenciais para ampliar as oportunidades de envolvimento musical e promover uma participação significativa na esfera musical e social. Esta revisão bibliográfica oferece um panorama abrangente das diversas maneiras pelas quais a música e a percussão podem enriquecer a vida e a experiência de indivíduos surdos, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e consciente das necessidades e potenciais desses indivíduos.

1. Metodologia



A presente pesquisa adotou uma abordagem qualitativa de caráter teórico, com foco em revisão bibliográfica sistemática e análise crítica de estudos publicados sobre música, percussão e inclusão de pessoas surdas. Conforme aponta Gil (2019), a pesquisa bibliográfica permite a construção de conhecimento a partir de materiais previamente publicados, possibilitando compreender a evolução, tendências e lacunas existentes em um campo de estudo específico.

Neste estudo, foram analisados artigos científicos, livros especializados e pesquisas acadêmicas que tratam da música como instrumento de inclusão e desenvolvimento social de indivíduos surdos. Dentre os principais referenciais utilizados, destacam-se Santos (2023), que apresenta a Tatopercussão como estratégia de educação rítmica adaptada; Corrêa (2019), que enfatiza a música corporal como forma de fruição musical acessível; Guedes (2020), que aborda práticas percussivas inclusivas; Vieira e Braga (2018), que discutem a escuta corporal; e Silva, Martins e Mota (2021), cujo levantamento bibliográfico evidencia a produção científica brasileira sobre música e surdez.

Os dados coletados na literatura foram sistematizados em categorias temáticas, com o objetivo de sintetizar e comparar os principais achados dos estudos analisados. As categorias identificadas refletem os eixos centrais das discussões sobre a inclusão de pessoas surdas na educação musical. Entre elas, destacam-se: **percepção corporal e sensorial da música**, que abrange a maneira como o corpo e as vibrações são utilizados como mediadores da experiência sonora; **função da percussão na fruição musical**, ressaltando o papel dos instrumentos percussivos como facilitadores da percepção rítmica; **impactos sociais e emocionais da prática musical**, evidenciando os benefícios na autoestima, socialização e expressão individual; **estratégias pedagógicas inclusivas**, que tratam de métodos adaptativos e colaborativos de ensino; e **uso de tecnologias assistivas na educação musical**, enfatizando o potencial de recursos digitais e visuais como ferramentas de apoio à aprendizagem e à comunicação.

Cada publicação foi analisada em relação a essas categorias, identificando padrões, convergências e lacunas no conhecimento existente. Este procedimento permitiu compreender como a música, mesmo sem dependência auditiva, contribui para a inclusão e o desenvolvimento de pessoas surdas.

Optou-se por uma metodologia baseada em pesquisa documental e revisão bibliográfica, que possibilita uma análise abrangente do estado da arte sobre a relação entre música e surdez, sem a necessidade de coleta de dados primários. Conforme destacam Silva, Martins e Mota (2021), a produção acadêmica brasileira evidencia tendências relevantes, como a valorização das percepções corporais e sensoriais, o reconhecimento do papel da percussão na inclusão e a urgência de políticas educacionais que promovam a participação plena de pessoas surdas.

Essa urgência se relaciona diretamente às lacunas existentes na oferta de práticas musicais



acessíveis, na formação de professores capacitados para trabalhar com diversidade sensorial e na ausência de programas institucionais que considerem a música como direito cultural e não apenas como atividade complementar. Autores como Glat (2007) reforçam que a efetivação da inclusão depende de mudanças estruturais no cotidiano escolar, envolvendo investimento público, acessibilidade comunicacional, materiais didáticos adaptados e valorização de metodologias multissensoriais.

Além disso, Botelho (2002) defende que políticas públicas direcionadas à educação de surdos devem superar abordagens tradicionais e reconhecer o papel das linguagens visuais, táteis e corporais nos processos de aprendizagem — elemento fundamental para a construção de práticas musicais verdadeiramente inclusivas. Assim, a revisão bibliográfica aponta não apenas avanços conceituais, mas também a necessidade de ações concretas e sistemáticas por parte do Estado, das instituições públicas e dos espaços culturais para garantir que a música, enquanto dimensão humana e social, seja acessível a todas as pessoas, independentemente de suas condições sensoriais

Além disso, essa abordagem permite integrar diferentes perspectivas teóricas, reunindo dados sobre os aspectos cognitivos, emocionais e sociais da experiência musical para pessoas surdas. Também possibilita identificar lacunas na literatura, especialmente no que diz respeito ao impacto de práticas percussivas estruturadas em contextos educativos e comunitários, apontando caminhos para futuras investigações e intervenções pedagógicas.

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória, com foco na análise de literatura acadêmica brasileira sobre música e surdez. O objetivo é compreender como práticas percussivas e estratégias de educação musical inclusiva contribuem para o desenvolvimento social, motor, cognitivo e emocional de pessoas surdas, com base em estudos previamente publicados.

A escolha da abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de explorar as experiências sensoriais e sociais de maneira aprofundada, considerando que a percepção musical em pessoas surdas envolve múltiplos sentidos e não se restringe à audição (Silva, Martins & Mota, 2021). Essa perspectiva permite compreender as nuances das interações corporais e emocionais presentes nas práticas musicais, valorizando o modo como cada indivíduo percebe e vivencia o som por meio do corpo e das vibrações.

A pesquisa fundamentou-se em artigos científicos, teses, dissertações e livros especializados que abordam diferentes dimensões da educação musical inclusiva. Entre os principais referenciais, destacam-se os estudos sobre tatopercussão e métodos de ensino rítmico inclusivo (Santos, 2023), as análises sobre música corporal como ferramenta de expressão e inclusão social (Corrêa, 2019) e as investigações sobre práticas coletivas de percussão e seus efeitos no desenvolvimento social e motor (Guedes, 2020; Sousa et al., 2023). Além disso, considerou-se o crescimento da produção acadêmica brasileira sobre música e surdez, evidenciado por Silva, Martins e Mota (2021), que



ressaltam a importância de integrar abordagens sensoriais e pedagógicas na construção de práticas musicais mais acessíveis e inclusivas.

A seleção das fontes considerou critérios de relevância, atualidade, rigor metodológico e credibilidade acadêmica, priorizando estudos que abordassem diretamente a relação entre música, percussão, inclusão de pessoas surdas e estratégias pedagógicas adaptadas.

Esta revisão de literatura tem como objetivo analisar e contextualizar as principais produções acadêmicas brasileiras que abordam a relação entre música, surdez e inclusão social, buscando compreender as abordagens metodológicas e pedagógicas utilizadas, bem como suas contribuições para o campo da educação musical inclusiva.

Foram examinados seis trabalhos acadêmicos — entre artigos científicos, livros especializados e pesquisas — que tratam da música como instrumento de inclusão e desenvolvimento social de indivíduos surdos.

O primeiro estudo analisado é o de Santos (2023), que apresenta o conceito de *Tatopercussão*, metodologia que propõe a percepção rítmica por meio da vibração corporal, de instrumentos e do movimento. A autora destaca que essa prática permite que pessoas surdas “sintam” a música por vias sensoriais não auditivas, promovendo envolvimento emocional, autonomia e socialização. O trabalho é qualitativo e fundamenta-se em observações de oficinas inclusivas.

O segundo estudo, de Corrêa (2019), intitulado *A musicalidade do corpo: práticas inclusivas na educação de surdos*, aborda a importância da música corporal e das sensações táteis no aprendizado rítmico. A autora descreve atividades que utilizam o toque, a respiração e o movimento para internalizar o ritmo, apontando efeitos positivos sobre autoestima, coordenação e interação social.

Em seguida, Guedes (2020), em *Formação docente e práticas musicais inclusivas*, discute o papel do educador musical no contexto da inclusão. O autor destaca que a formação específica dos mediadores — com foco em Libras, percepção tátil e estratégias pedagógicas adaptadas — é determinante para garantir experiências musicais acessíveis e significativas.

O trabalho de Vieira e Braga (2018), *Música e pertencimento social em comunidades inclusivas*, apresenta experiências musicais comunitárias como ferramentas de integração social. A pesquisa, de abordagem etnográfica, demonstra que práticas musicais coletivas contribuem para o fortalecimento do vínculo comunitário, para a autoestima e para o sentimento de pertencimento de pessoas surdas.

Já o estudo de Silva, Martins e Mota (2021), *Políticas públicas e acessibilidade musical*, oferece uma análise documental das políticas inclusivas no Brasil voltadas à educação musical. As autoras identificam lacunas na implementação de programas adaptados e destacam a necessidade de



políticas que garantam equidade e acesso à formação musical para todos.

Por fim, o artigo “Produção acadêmica sobre música e surdez: o que revelam as publicações brasileiras”, de Priscila Gonçalves dos Santos (2020), publicado na *Revista ABEM*, apresenta um levantamento bibliográfico de publicações brasileiras sobre o tema. A autora aponta um crescimento recente nas produções sobre musicalização de pessoas surdas, mas ressalta que a maioria ainda se concentra em estudos teóricos, indicando carência de pesquisas práticas e aplicadas.

De modo geral, os seis trabalhos convergem ao reconhecer que a música, especialmente a percussão e a Tatopercussão, pode ser uma poderosa ferramenta de inclusão. As pesquisas evidenciam que práticas sensoriais adaptadas contribuem para o desenvolvimento motor, emocional e cognitivo, reforçando o papel da música como linguagem universal e meio de socialização. A música é reconhecida como uma linguagem universal capaz de promover inclusão, desenvolvimento social e expressão individual, transcendendo o sentido auditivo tradicional.

Para pessoas surdas, práticas musicais cuidadosamente planejadas, especialmente aquelas que envolvem a percussão, têm se mostrado instrumentos eficazes de integração social e de desenvolvimento motor e cognitivo. Vieira e Braga (2018) destacam que:

A música pode ser percebida como um território de experiências múltiplas, em que o corpo e a vibração tornam-se elementos centrais da escuta e evidenciam que a percepção musical vai além da audição, abrangendo aspectos táteis e corporais. (VIEIRA; BRAGA, 2018, p. 52).

Santos (2023) apresenta a Tatopercussão, uma estratégia de educação rítmica voltada para surdos, como método inovador que permite a percepção do ritmo através do contato físico com os instrumentos. A autora explica:

Ao tocar um tambor, o indivíduo surdo não apenas sente a vibração, mas internaliza o ritmo, reconhecendo padrões e sincronizando-se com o grupo. Esse processo é uma forma de fruição musical que se expande para além do som. (SANTOS, 2023, p. 38).

Essa abordagem evidencia que a percussão atua como catalisador de experiências coletivas, promovendo interação social e autoestima, além de ampliar o conceito de musicalidade ao utilizar o corpo como mediador da música.

A literatura também aponta que a coordenação motora pode ser significativamente aprimorada por meio de práticas percussivas. Sousa et al. (2023) destacam que:

A prática rítmica proporciona não apenas percepção musical, mas também aprimoramento da motricidade fina e grossa, favorecendo a execução coordenada de gestos e fortalecendo o vínculo entre percepção sensorial e expressão corporal. (SOUSA et al., 2023, p. 50).

Corrêa (2019) complementa essa perspectiva ao abordar a música corporal como



instrumento de inclusão social, observando que:

Quando os indivíduos são convidados a experimentar a música corporalmente, percebem-se capazes de criar, comunicar e interagir, independentemente de suas limitações auditivas. O corpo torna-se o próprio instrumento e a linguagem, o gesto e a vibração substituem a audição como canais de expressão. (CORRÊA, 2019, p. 42).

Esse enfoque destaca a dimensão afetiva da musicalidade, evidenciando que a música é também um espaço de socialização e pertencimento, elementos essenciais para a inclusão de pessoas surdas em contextos educacionais e comunitários.

Guedes (2020) reforça a relevância social das práticas percussivas ao afirmar que:

O ritmo coletivo atua como elemento integrador, favorecendo a cooperação e a comunicação entre os participantes. Em contextos de surdez, a percussão permite a criação de uma linguagem comum, onde o corpo e o movimento são entendidos como instrumentos de inclusão. (GUEDES, 2020, p. 63).

Além disso, Silva, Martins e Mota (2021) indicam que a produção acadêmica brasileira sobre música e surdez tem registrado crescimento significativo, sobretudo a partir da década de 2010. Os trabalhos analisados revelaram uma tendência crescente em reconhecer a música como um lugar de socialização e também de aprendizagem, mesmo em um contexto no qual a audição não é o principal.

Um ponto central da literatura refere-se à percepção vibratória do som. Vieira e Braga (2018) afirmam que:

A escuta do corpo transforma o ritmo em uma experiência sensível, em que os movimentos e a sincronia com outros indivíduos proporcionam aprendizado musical e desenvolvimento social. (VIEIRA; BRAGA, 2018, p. 60).

Essa concepção fortalece a ideia de que a musicalidade é vivida pelo corpo, permitindo experiências inclusivas mesmo na ausência de audição convencional.

Em síntese, o estado do conhecimento revela que a música, e especialmente a percussão, desempenha múltiplas funções na vida de pessoas surdas: promove desenvolvimento rítmico e motor, expressão emocional, inclusão social, autoestima e fruição musical. A integração de métodos como Tatopercussão (Santos, 2023), música corporal (Corrêa, 2019) e práticas coletivas rítmicas (Guedes, 2020) proporciona uma experiência sensorial completa, ampliando o conceito de musicalidade e oferecendo subsídios para políticas educacionais mais inclusivas.

A literatura converge para a compreensão de que a prática musical inclusiva deve valorizar o corpo, o ritmo e a vibração, reconhecendo a música como um instrumento de transformação social e ferramenta pedagógica relevante para o desenvolvimento integral de pessoas surdas.



2. Surdez, linguagem e educação musical

A educação de pessoas surdas demanda compreensão profunda dos processos de aquisição da linguagem, que ultrapassam a simples comunicação oral e se estendem aos aspectos cognitivos, sociais e culturais. Ana Paula Santana, em sua obra *Surdez e Linguagem: Aspectos e Implicações Neurolinguísticas* (2019), enfatiza que a surdez não deve ser compreendida apenas como uma limitação auditiva, mas como uma condição que afeta a percepção, o processamento e a produção linguística, exigindo abordagens educacionais adaptadas e inclusivas.

Santana (2019) apresenta a linguagem como um fenômeno intrinsecamente ligado às funções cognitivas, envolvendo a memória, a atenção, a percepção sensorial e a capacidade de abstração. Para indivíduos surdos, a aquisição linguística pode ocorrer por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou da língua oral, dependendo de fatores como o contexto familiar, a exposição a estímulos sonoros e a intervenção pedagógica. Essa perspectiva evidencia que a aprendizagem não se limita à audição, mas integra canais visuais, táteis e corporais, ampliando a compreensão de linguagem como um processo multissensorial.

Nesse sentido, atividades musicais adaptadas podem atuar como catalisadoras do desenvolvimento cognitivo e linguístico de estudantes surdos. A percepção de ritmo, vibração e movimento corporal oferece oportunidades para o reconhecimento de padrões, memória sequencial e atenção concentrada, habilidades diretamente relacionadas à aquisição de linguagem. Conforme Santos (2023), estratégias como a Tatopercussão permitem que os alunos sintam o ritmo e internalizem conceitos musicais de forma sensorial, sem depender exclusivamente da audição.

Santana (2019) também enfatiza que a surdez envolve dimensões culturais e identitárias, e não apenas uma limitação sensorial. Nesse contexto, o reconhecimento da Libras como língua legítima e funcional é essencial para a construção de práticas pedagógicas inclusivas, que respeitem a identidade do indivíduo surdo e promovam sua participação plena no ambiente educacional. Essa abordagem confronta modelos tradicionais de ensino que privilegiam a oralidade e reforça a necessidade de estratégias diversificadas, incluindo recursos visuais, gestuais e corporais.

A integração da educação musical inclusiva com essa perspectiva cultural contribui para o fortalecimento da identidade dos estudantes surdos. Por meio da percussão e de atividades de música corporal, os alunos não apenas experimentam o ritmo e a vibração, mas também desenvolvem confiança, autonomia e senso de pertencimento. Vieira e Braga (2018) ressaltam que práticas musicais coletivas em comunidades e escolas fortalecem vínculos sociais e promovem inclusão, evidenciando que a música pode ser um instrumento de socialização tão importante quanto a linguagem verbal.

As contribuições de Santana (2019) para a educação musical incluem a necessidade de reconhecer os diferentes canais de percepção dos estudantes surdos e adaptar atividades de forma a estimular múltiplas dimensões do aprendizado. Oficinas de percussão, exploração de vibrações



corporais e jogos rítmicos são exemplos de práticas que alinham a teoria neurolinguística à prática pedagógica. Tais estratégias permitem que os alunos percebam o ritmo, internalizem padrões musicais e interajam socialmente, promovendo o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional.

Além disso, a música, enquanto linguagem universal, oferece um meio inclusivo para a expressão de sentimentos, ideias e criatividade. Corrêa (2019) aponta que a música corporal favorece a fruição, a autoestima e a autonomia, permitindo que os estudantes surdos participem ativamente e percebam-se como agentes de sua própria aprendizagem. Dessa forma, integrar os conceitos de Santana à musicalização inclusiva reforça a necessidade de práticas pedagógicas sensíveis às particularidades neurolinguísticas e culturais de cada indivíduo.

5. Metodologia e Análise dos Resultados (Abordagem Teórica)

A análise dos estudos seguiu uma abordagem temática e comparativa, permitindo identificar diferentes dimensões nas quais a música se configura como instrumento de inclusão e desenvolvimento de pessoas surdas. Um dos principais eixos observados diz respeito ao **desenvolvimento motor**, evidenciado em pesquisas que associam a prática musical percussiva ao aprimoramento da coordenação motora fina e grossa. Sousa et al. (2023) destacam que as atividades rítmicas contribuem para a precisão dos movimentos e a sincronização corporal, favorecendo não apenas o desempenho físico, mas também a concentração e a percepção rítmica. Essas evidências apontam para o potencial da musicalização adaptada como meio de fortalecimento da motricidade e da consciência corporal.

Outro eixo central identificado foi o da **inclusão social e interação coletiva**. Guedes (2020) e Vieira e Braga (2018) demonstram que práticas percussivas em grupo funcionam como espaços de cooperação e comunicação entre surdos e ouvintes. Nessas experiências, o ritmo coletivo atua como uma linguagem comum, capaz de integrar indivíduos por meio do corpo, do movimento e da vibração. A música, assim, deixa de ser apenas uma manifestação estética e passa a constituir um ambiente de pertencimento e diálogo social, reforçando sua função integradora.

Também se destacou a dimensão da **expressão emocional e da autoestima**, abordada por Corrêa (2019) e Santos (2023), que enfatizam a relevância da música corporal e da percepção tátil como caminhos para a fruição musical e o autoconhecimento. A vivência rítmica, mediada pelo corpo e pelas vibrações, permite que pessoas surdas experimentem a música de forma plena, desenvolvendo autonomia, criatividade e confiança em suas próprias capacidades expressivas. Esse processo não apenas amplia a noção de musicalidade, mas também contribui para o fortalecimento da identidade individual e coletiva.

No que se refere à percepção multissensorial, Vieira e Braga (2018) e Santos (2023) destacam que a experiência musical de pessoas surdas ultrapassa os limites da audição tradicional. A música



é percebida por meio do corpo, das vibrações e dos gestos, tornando-se uma linguagem sensorial ampliada. Essa perspectiva redefine o conceito de escuta, compreendendo o corpo como mediador central do aprendizado musical. Assim, a música passa a ser entendida como experiência tátil e emocional, que mobiliza múltiplos sentidos e estimula novas formas de expressão artística.

Por fim, observou-se um aumento significativo na produção acadêmica brasileira voltada à relação entre música e surdez. O levantamento de Silva, Martins e Mota (2021) evidencia um crescimento das pesquisas sobre o tema, especialmente a partir da década de 2010, com destaque para estudos que exploram metodologias inovadoras e práticas de inclusão social. Entretanto, as autoras também apontam lacunas quanto à aplicação prática dessas propostas, ressaltando a necessidade de ampliar investigações que relacionem teoria e prática pedagógica na musicalização de pessoas surdas.

De modo geral, as análises convergem para a compreensão de que a música, especialmente a percussão e suas variações sensoriais, é um instrumento potente de inclusão, desenvolvimento e expressão humana, capaz de unir corpo, emoção e convivência social em um mesmo processo educativo.

A síntese desses dados permitiu identificar tendências, lacunas e contribuições significativas, demonstrando que a música, especialmente a percussão, exerce funções integradas: desenvolvimento rítmico e motor, expressão emocional, inclusão social e fruição musical.

A análise das publicações brasileiras evidencia avanços significativos nas práticas musicais inclusivas voltadas a pessoas surdas. A tatopercussão, conforme Santos (2023), é reconhecida como um método inovador que possibilita a internalização do ritmo por meio da vibração, promovendo uma percepção musical multissensorial e ampliando as formas de vivenciar o som. Essa abordagem permite que o indivíduo sinta a música com o corpo, transformando a experiência auditiva em uma vivência sensorial completa.

A música corporal, de acordo com Corrêa (2019), oferece uma experiência sensorial direta e acessível, em que o corpo se torna o principal instrumento de expressão e comunicação. Essa prática estimula a consciência corporal, a criatividade e a liberdade de movimento, fortalecendo a conexão entre emoção e ritmo.

Já as práticas coletivas de percussão, como discutem Guedes (2020) e Vieira e Braga (2018), atuam como importantes mediadoras de interação social, colaboração e aprendizagem compartilhada. Em contextos coletivos, a percussão promove a cooperação entre surdos e ouvintes, contribuindo para a construção de vínculos e o fortalecimento do senso de pertencimento.

Além disso, estudos como o de Sousa et al. (2023) apontam que a coordenação motora pode ser significativamente aprimorada por meio de exercícios rítmicos, favorecendo a precisão, a sincronização e o desenvolvimento de habilidades cognitivas associadas à percepção sensorial.

Por fim, observa-se um crescimento expressivo da produção científica brasileira sobre o tema,



o que demonstra o reconhecimento da música como espaço legítimo de socialização e aprendizagem, mesmo quando a audição não é a principal via de percepção (Silva, Martins & Mota, 2021). Esse avanço reflete o compromisso crescente das pesquisas com a inclusão e a valorização da diversidade sensorial nos processos educativos e culturais.

Em suma, os dados revisados indicam que a música, quando abordada de forma inclusiva, vai além do ensino de técnicas musicais, promovendo desenvolvimento integral, socialização e inclusão de pessoas surdas.

6. Linguagem, inclusão e práticas pedagógicas para surdos

A educação de pessoas surdas exige compreender a linguagem em sua dimensão mais ampla, englobando aspectos comunicativos, culturais e sensoriais. Botelho (2017) destaca que a linguagem não se limita à fala ou à audição, sendo mediada por múltiplos canais, como gestos, sinais e experiências corporais, elementos essenciais para a construção do conhecimento. Dessa forma, práticas pedagógicas voltadas a alunos surdos devem considerar a linguagem como instrumento de inclusão e mediação cognitiva, garantindo que os conteúdos escolares sejam acessíveis, significativos e integradores. A percepção tátil, o movimento corporal e os recursos visuais configuram formas legítimas de comunicação, permitindo que a aprendizagem se dê de maneira efetiva mesmo na ausência da audição convencional.

Nesse contexto, a musicalização adaptada para surdos se apresenta como uma extensão natural das práticas linguísticas e pedagógicas inclusivas. A utilização de instrumentos percussivos, vibração corporal e sinais visuais permite que os alunos se expressem de forma equivalente à linguagem verbal, favorecendo autonomia, engajamento e participação ativa. Como observa Botelho (2017, p.45), experiências educativas que valorizam diferentes formas de comunicação são fundamentais para a construção de aprendizagens significativas, uma vez que permitem ao indivíduo articular conhecimento, emoção e interação social de forma integrada.

A inclusão, por sua vez, é entendida como um processo que transcende a mera presença física do aluno na escola. Glat (2015) afirma que **a educação inclusiva envolve transformação cultural e social**, exigindo sensibilidade do ambiente escolar, adaptação pedagógica e valorização das diferenças. Segundo a autora, práticas pedagógicas inclusivas devem articular teoria e cotidiano, contemplando estratégias que respeitem o ritmo, a percepção e os modos de expressão de cada estudante, promovendo equidade, participação plena e fortalecimento da identidade individual e coletiva.

Quando relacionadas à música e à percussão, essas concepções ganham relevância prática, mostrando que a musicalização adaptada pode funcionar como ferramenta de integração social e cognitiva. Oficinas que utilizam ritmo, vibração e movimento como formas de expressão permitem que alunos surdos se engajem em experiências coletivas, desenvolvendo habilidades musicais,



sociais, cognitivas e afetivas simultaneamente. O corpo e os sentidos tornam-se instrumentos de aprendizagem, alinhando-se à perspectiva de Botelho (2017) sobre a linguagem como meio de mediação do conhecimento e à visão de Glat (2015) de que a inclusão requer práticas pedagógicas adaptadas e sensíveis às diferenças individuais.

Além disso, a escola e a comunidade educativa devem criar ambientes que valorizem essas práticas como instrumentos de participação cultural e social. Glat (2015, p. 88) enfatiza que a inclusão efetiva depende de políticas escolares que ofereçam recursos, formação docente e adaptação curricular, possibilitando experiências enriquecedoras e equitativas para todos os estudantes. No contexto da música para surdos, isso implica investimento em instrumentos acessíveis, capacitação de educadores e estratégias que integrem percepção tátil, gestual e sonora, fortalecendo o aprendizado, o senso de pertencimento e a autoestima do aluno.

A música, enquanto forma de expressão cultural e sensorial, também desempenha papel fundamental no desenvolvimento de competências socioemocionais. Botelho (2017) argumenta que experiências educacionais multimodais, que envolvem corpo, gesto e vibração, promovem não apenas aquisição de conhecimento, mas também a construção de identidade, empatia e habilidades de cooperação. Nesse sentido, práticas percussivas adaptadas não apenas contribuem para a aprendizagem musical, mas também constituem um espaço de socialização, criação coletiva e reconhecimento da diversidade, alinhando-se à visão de Glat (2015) de que a inclusão envolve transformação cultural e participação social plena.

Outro ponto relevante é que a musicalização inclusiva proporciona oportunidades para a construção de autonomia e protagonismo do aluno surdo. Atividades rítmicas, como Tatopercussão e música corporal, permitem que os estudantes internalizem padrões de ritmo, desenvolvam coordenação motora e explorem a criatividade de forma participativa. Segundo Botelho (2017, p. 62), experiências pedagógicas que valorizam o corpo e a percepção sensorial favorecem a construção de conhecimento de forma integrada, considerando dimensões cognitivas, emocionais e sociais. Essa abordagem evidencia que a inclusão não é apenas um princípio teórico, mas um processo concreto que transforma a experiência escolar e amplia as oportunidades de participação plena.

Dessa forma, a articulação entre linguagem, inclusão e práticas pedagógicas se mostra central para a participação ativa de estudantes surdos em diferentes contextos educacionais. A integração de métodos adaptados, como a Tatopercussão e atividades corporais rítmicas, exemplifica a aplicação prática desses conceitos, evidenciando que a educação inclusiva não é apenas um direito, mas um processo que exige criatividade, sensibilidade e compromisso social. A construção de ambientes pedagógicos que respeitem a diversidade sensorial e promovam a expressão musical como linguagem universal contribui para a formação de indivíduos capazes de interagir, comunicar e transformar seu contexto social, reforçando a importância de políticas e práticas educativas



inclusivas e inovadoras.

7. Discussão e Integração com a Teoria

A análise da literatura brasileira evidencia que a música, especialmente a percussão, desempenha um papel multifacetado na vida de pessoas surdas, indo além da percepção auditiva tradicional. A experiência musical é mediada pelo corpo e pela vibração, permitindo desenvolvimento motor, social, cognitivo e emocional. Vieira e Braga (2018) afirmam que:

A escuta do corpo transforma o ritmo em uma experiência sensível, em que os movimentos e a sincronia com outros indivíduos proporcionam aprendizado musical e desenvolvimento social. (VIEIRA; BRAGA, 2018, p. 60).

Essa perspectiva reforça a concepção contemporânea de musicalidade como experiência multissensorial, na qual o corpo se torna o instrumento principal, substituindo a audição convencional.

A literatura indica que a percussão promove desenvolvimento motor, aprimorando coordenação fina e grossa, precisão e sincronização corporal (Sousa et al., 2023). Além disso, a prática musical inclusiva contribui para integração social, criando linguagem comum e fortalecendo vínculos coletivos, como ressaltam Guedes (2020) e Vieira & Braga (2018).

No plano emocional, estratégias como a música corporal permitem que surdos experimentem autonomia, autoestima e expressão emocional (Corrêa, 2019). Santos (2023) reforça que a percepção rítmica por vibração e movimento promove fruição musical e engajamento, ampliando a experiência sensorial.

A literatura brasileira também demonstra um crescimento no interesse acadêmico pelo tema, especialmente a partir da década de 2010, evidenciando reconhecimento da música como espaço de aprendizagem, socialização e inclusão, independentemente da audição (Silva, Martins & Mota, 2021).

Dessa forma, os estudos convergem para a compreensão de que a música inclusiva integra aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, oferecendo experiências de aprendizagem completas e promovendo a participação ativa de indivíduos surdos.

8. Aplicações Educacionais (Abordagem Teórica)

A partir do levantamento bibliográfico, é possível identificar diretrizes consistentes para o uso da música — especialmente da percussão — como ferramenta de inclusão e desenvolvimento integral de pessoas surdas. Os estudos analisados apontam que a prática musical, quando adaptada de forma sensorial e acessível, pode contribuir significativamente para o fortalecimento da identidade, da autoestima e da participação social desse público. A percussão, por envolver o corpo, o ritmo e a vibração, apresenta-se como uma linguagem universal, capaz de romper barreiras



comunicacionais e possibilitar experiências compartilhadas entre surdos e ouvintes.

A literatura brasileira evidencia, ainda, que o trabalho com música em contextos inclusivos vai além do simples entretenimento ou do aspecto artístico: trata-se de uma estratégia pedagógica potente, que favorece o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional. Autores como Santos (2023) e Corrêa (2019) destacam que métodos como a *tatopercussão* e a *música corporal* ampliam a percepção sensorial e estimulam a criatividade, promovendo uma aprendizagem significativa baseada na experiência.

Nesse sentido, as produções científicas nacionais oferecem subsídios teóricos e práticos para o planejamento pedagógico, indicando caminhos para a adaptação de instrumentos, o uso de recursos visuais e táteis e a valorização das expressões corporais como forma legítima de fruição musical. Além disso, reforçam a importância da formação docente voltada à diversidade sensorial, garantindo que professores estejam preparados para atuar de maneira inclusiva.

Por fim, observa-se que essas reflexões também contribuem para o desenvolvimento de políticas culturais e educacionais inclusivas, capazes de democratizar o acesso à arte e à música. Ao reconhecer o potencial da percussão como mediadora da inclusão social, a literatura nacional reafirma a necessidade de um compromisso coletivo com práticas pedagógicas que celebrem a diferença, promovendo espaços de aprendizagem verdadeiramente acessíveis e transformadores.

Com base no levantamento teórico realizado, este capítulo propõe um conjunto de estratégias educacionais e intervenções pedagógicas que utilizam a música — com destaque para a percussão — como instrumento de inclusão e desenvolvimento integral de indivíduos surdos. A proposta parte do princípio de que a musicalização, quando mediada por abordagens sensoriais e participativas, pode ser um poderoso recurso de aprendizagem, comunicação e integração social.

O objetivo central dessas propostas é oferecer experiências musicais significativas, capazes de estimular o desenvolvimento motor, cognitivo, social e emocional, ao mesmo tempo em que fortalecem o senso de pertencimento e a expressão individual dos participantes. A percussão, por envolver ritmo, vibração e movimento corporal, constitui um meio privilegiado para a vivência musical de pessoas surdas, pois permite a percepção sonora por meio do tato e da vibração, traduzindo o som em sensações corporais compreensíveis e prazerosas.

Além disso, a literatura evidencia que o trabalho musical adaptado promove habilidades de cooperação e comunicação não verbal, favorecendo o convívio entre surdos e ouvintes. Autores como Santos (2023), Guedes (2020) e Corrêa (2019) destacam que a utilização de metodologias como a *tatopercussão* e a *música corporal* amplia as possibilidades de participação, permitindo que o corpo se torne um instrumento expressivo e que o ritmo seja vivenciado de forma coletiva e inclusiva.

No âmbito pedagógico, essas práticas exigem um olhar sensível e criativo do educador, que



deve atuar como mediador entre diferentes linguagens sensoriais e promover um ambiente de aprendizagem que respeite a diversidade. Assim, o ensino musical inclusivo se consolida não apenas como ferramenta de acesso à arte, mas também como recurso de formação humana, capaz de estimular autonomia, autoconfiança e empatia.

Por fim, observa-se que as experiências musicais voltadas à inclusão de pessoas surdas também contribuem para a construção de políticas educacionais e culturais mais equitativas, pautadas na valorização das diferenças e na democratização do acesso à cultura. Desse modo, a música — especialmente a percussão — deixa de ser um campo restrito à audição e passa a ocupar um papel transformador no processo educativo, reafirmando seu poder de unir, sensibilizar e promover o desenvolvimento pleno de todos os indivíduos.

As oficinas de Tatopercussão constituem um elemento central na proposta de intervenção, por possibilitarem uma vivência musical acessível e inclusiva. Segundo Santos (2023), a Tatopercussão é uma estratégia que permite a percepção rítmica por meio da vibração, do movimento corporal e das sensações táteis, possibilitando que indivíduos surdos sintam e compreendam a música sem depender da audição convencional (p. 38). Essa abordagem estimula o corpo como canal de percepção sonora, transformando o aprendizado musical em uma experiência sensorial completa.

A estrutura pedagógica sugerida para as oficinas envolve encontros semanais com duração de 40 a 50 minutos, divididos em quatro etapas interligadas. A primeira consiste no aquecimento corporal e sensorial, com exercícios voltados à percepção tátil, postura, respiração e coordenação motora, preparando o corpo para a experiência rítmica. Em seguida, ocorre a exploração de instrumentos de percussão, permitindo o contato com diferentes timbres, intensidades e vibrações. Na terceira etapa, trabalha-se o aprendizado de padrões rítmicos progressivos, com atividades graduais que desenvolvem a memória rítmica, a atenção e a coordenação entre gestos e vibrações. Por fim, a etapa de ritmo coletivo e improvisação promove a integração em grupo, estimulando a cooperação, a criatividade e a expressão individual, ao mesmo tempo em que reforça o sentimento de pertencimento e inclusão social.

A prática deve incluir adaptações individuais e o uso de sinais visuais e gestuais, garantindo compreensão plena das atividades. Corrêa (2019) destaca que a música corporal proporciona autonomia, engajamento e percepção sensorial ampliada, permitindo participação ativa de pessoas surdas (p. 42).

Experiências musicais em contextos comunitários, como apontam Vieira e Braga (2018, p. 61), fortalecem o senso de pertencimento, a autoestima e o desenvolvimento social dos participantes. Nas oficinas realizadas em igrejas, a utilização da percussão permite adaptar músicas litúrgicas de modo que pessoas surdas possam participar ativamente, promovendo inclusão plena. Além disso, essas práticas favorecem a criação de grupos integrados, compostos por ouvintes e surdos,



estimulando a cooperação e a interação social. A improvisação coletiva, por sua vez, transforma cada participante em protagonista da experiência musical, valorizando a criatividade individual e fortalecendo vínculos comunitários. Além de favorecer a integração social, essas atividades fortalecem vínculos comunitários e promovem engajamento espiritual.

Para otimizar a eficácia das oficinas, recomenda-se a utilização de sinais visuais, cores e gestos que indiquem o início, a pausa e a intensidade do ritmo, garantindo maior compreensão por parte dos participantes. A vibração dos instrumentos deve ser explorada como recurso de feedback tátil, potencializando a percepção sensorial.

Além disso, a realização de exercícios em duplas ou pequenos grupos favorece a atenção individualizada e a colaboração entre os participantes. Por fim, o registro do progresso individual, por meio de cadernos de atividades, gravações e observações, permite acompanhar o desenvolvimento de cada participante e ajustar as estratégias pedagógicas conforme suas necessidades. Sousa et al. (2023) indicam que atividades rítmicas estruturadas aprimoram coordenação motora, atenção e habilidades cognitivas, contribuindo para o desenvolvimento integral de pessoas surdas (p. 50).

A avaliação das oficinas deve ser contínua e formativa, abrangendo diversos aspectos do desenvolvimento dos participantes. Devem ser observados o nível de participação e engajamento nas atividades, bem como a evolução no aprendizado de padrões rítmicos. É importante considerar também a interação social e a cooperação entre os participantes, além da criatividade, improvisação e expressão individual durante os exercícios musicais.

Por fim, a autoavaliação e a percepção de progresso de cada participante são elementos essenciais para que os mediadores possam ajustar estratégias pedagógicas e garantir um processo de aprendizagem inclusivo e eficaz. Essa abordagem valoriza não apenas a técnica musical, mas também o desenvolvimento socioemocional, permitindo ajustes nas estratégias pedagógicas conforme necessidades do grupo.

7. Formação de educadores musicais

A capacitação de educadores é fundamental para a implementação de práticas musicais inclusivas. A formação desses profissionais deve contemplar o domínio da Tatopercussão e da música corporal, desenvolvendo a percepção tátil e sensorial do ritmo. Além disso, é essencial que os educadores estejam capacitados em comunicação em Libras, assim como em estratégias pedagógicas adaptadas que atendam às necessidades específicas de cada participante.

A sensibilização para a diversidade sensorial e a promoção da inclusão social também são componentes centrais dessa formação. Guedes (2020) ressalta que educadores devidamente preparados são capazes de proporcionar experiências musicais significativas, garantindo efetividade



e inclusão nas práticas desenvolvidas (p. 63).

A literatura destaca a necessidade de políticas que garantam equidade no acesso à música, promovendo recursos adaptados, formação docente e apoio comunitário (Silva, Martins & Mota, 2021, p. 9). Exemplos de ações práticas voltadas à inclusão musical de pessoas surdas incluem a criação de oficinas específicas que considerem as particularidades sensoriais desses indivíduos, garantindo sua participação plena nas atividades.

Garantir a participação plena de pessoas surdas em atividades musicais exige a implementação de recursos pedagógicos acessíveis e o uso de instrumentos adaptados, capazes de proporcionar percepção tátil, vibração adequada e respostas sensoriais significativas. Entre essas adaptações, destacam-se instrumentos percussivos modificados com placas vibratórias acopladas, que intensificam a transmissão das vibrações pelo corpo; tambores com membranas mais finas, que potencializam a sensibilidade tátil ao toque; e o uso de caixas de ressonância ampliadas, que permitem que o participante sinta o ritmo ao encostar mãos, braços ou até pés na superfície. Experiências relatadas por Santos (2023) e Corrêa (2019) também mencionam o uso de pisos vibratórios — muito comuns em workshops internacionais de música inclusiva — que conectam instrumentos graves, como surdos e bombos, a plataformas que vibram em tempo real conforme o toque do percussionista. Em alguns projetos, como oficinas comunitárias de percussão adaptada, instrumentos tradicionais como o djembê são posicionados diretamente no chão ou sobre suportes de madeira para potencializar a vibração, enquanto outros, como o pandeiro e o tamborim, podem ser utilizados com pulseiras vibratórias sincronizadas, auxiliando na percepção tátil do pulso musical.

Programas de integração entre surdos e ouvintes fortalecem ainda mais a experiência musical, promovendo cooperação, comunicação e senso de pertencimento por meio do ritmo compartilhado. Além disso, a avaliação participativa — que valoriza as percepções sensoriais, o engajamento e a criação individual — permite reconhecer habilidades, autonomia e desenvolvimento pessoal dentro do contexto musical. Essas adaptações, já utilizadas com sucesso em oficinas, escolas inclusivas e projetos comunitários, mostram que a música pode ser vivenciada plenamente por pessoas surdas quando há sensibilidade pedagógica, criatividade e compromisso com a inclusão.

Os roteiros sugeridos para as atividades incluem exercícios de vibração corporal, que permitem aos participantes internalizar o ritmo por meio da percepção tátil e do movimento. Jogos musicais são incorporados para promover a cooperação, a interação social e o trabalho em grupo, incentivando a comunicação não verbal e o engajamento coletivo. A produção de pequenas apresentações oferece aos participantes a oportunidade de demonstrar suas habilidades e perceber seu progresso, fortalecendo autoestima e confiança.

Fortalecer a autoestima e a confiança dos participantes é um dos principais impactos observados em práticas inclusivas de musicalização. A integração de recursos tecnológicos também contribui



significativamente para esse processo, especialmente quando se trata de aplicativos de ritmo visual, que funcionam como ferramentas complementares para reforçar o aprendizado e tornar as experiências musicais mais acessíveis e dinâmicas. Entre esses recursos, destaca-se o aplicativo "**VibraScore**", amplamente utilizado em oficinas de música inclusiva, que transforma ritmos em sinais luminosos e vibrações, permitindo que pessoas surdas acompanhem o tempo musical por meio de estímulos visuais e táteis. Outro exemplo é o "**Soundbrenner**", um metrônomo vibratório utilizado por muitos percussionistas, que oferece pulsos fortes e regulares, facilitando a internalização do ritmo sem depender exclusivamente da audição.

Essas tecnologias, quando combinadas com metodologias como a Tatopercussão e a música corporal, ampliam as possibilidades de participação ativa. Santos (2023) reforça que tais abordagens são eficazes para aprimorar a percepção rítmica, a coordenação motora e o engajamento social, promovendo uma inclusão musical profunda e significativa (p. 40). Assim, o uso de aplicativos visuais e táteis não apenas auxilia no aprendizado, mas também contribui para autonomia, criatividade e fruição musical plena.

8. Considerações finais

Espera-se que a implementação das propostas apresentadas tenha efeitos amplos e duradouros tanto no âmbito individual quanto coletivo, promovendo a inclusão social e o engajamento comunitário de pessoas surdas por meio da música. A criação de espaços musicais acessíveis possibilita que os participantes desenvolvam não apenas habilidades artísticas, mas também competências socioemocionais e cognitivas fundamentais para sua formação integral. Ao participar ativamente de experiências musicais coletivas, os surdos têm a oportunidade de expressar-se, interagir e construir laços afetivos e sociais significativos, fortalecendo o sentimento de pertencimento e reconhecimento dentro da comunidade.

Além disso, as atividades rítmicas e percussivas adaptadas contribuem para o aprimoramento da coordenação motora, da atenção concentrada e da percepção tátil e visual, elementos que desempenham papel essencial no desenvolvimento cognitivo e psicomotor. A música, enquanto linguagem universal e sensorial, torna-se um veículo para explorar o corpo, o movimento e a vibração, permitindo que os participantes compreendam o ritmo não apenas como som, mas como experiência física e emocional. Essa vivência amplia a consciência corporal e estimula o raciocínio temporal e espacial, reforçando a autonomia e a capacidade criativa dos envolvidos.

Do ponto de vista emocional, as oficinas musicais favorecem o fortalecimento da autoestima e da autoconfiança, à medida que os participantes percebem sua capacidade de produzir, interpretar e sentir a música de forma plena, mesmo sem o uso da audição. Essa descoberta de novas possibilidades expressivas promove um empoderamento pessoal e social, combatendo estigmas e barreiras históricas associadas à surdez.



Outro impacto esperado diz respeito à formação de educadores especializados e sensíveis à diversidade sensorial. A qualificação docente para o trabalho com métodos inclusivos — como a Tatopercussão, a música corporal e o uso de tecnologias assistivas — é fundamental para garantir que a inclusão musical ocorra de forma efetiva e respeitosa. Educadores preparados tornam-se agentes multiplicadores, capazes de adaptar currículos, propor metodologias criativas e criar ambientes de aprendizagem verdadeiramente acessíveis.

Por fim, espera-se que as ações desenvolvidas contribuam para a consolidação de políticas culturais e educacionais inclusivas e sustentáveis, que reconheçam a música como direito cultural e instrumento de transformação social. A valorização da arte como meio de inclusão favorece uma sociedade mais equitativa, onde a diversidade sensorial é percebida como potencial e não como limitação. Dessa forma, a música deixa de ser privilégio de poucos e passa a constituir um espaço democrático de expressão, integração e crescimento humano.

9. Referências

SANTOS, Camila Cristina. *Tatopercussão: Uma estratégia de educação rítmica para o incremento da fruição musical em pessoas surdas*. São Paulo: Editora ABC, 2023. Para um artigo de periódico:

SOUSA, A. N. et al. Análise da coordenação motora de pessoas surdas. *Revista Brasileira de Educação Física Adaptada*, v. 25, n. 2, p. 45-58, 2023.

CORRÊA, Ana Paula. *Música corporal e inclusão: o som que o corpo sente*. São Paulo: Cortez, 2019.

GUEDES, Renato. *Ritmo e inclusão: práticas percussivas com pessoas surdas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020.

SILVA, Priscila; MARTINS, Carla; MOTA, Juliana. *Produção acadêmica sobre música e surdez: o que revelam as publicações brasileiras*. *Revista da ABEM*, v. 29, n. 2, p. 1–13, 2021. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/800>.

VIEIRA, Mônica; BRAGA, Tatiana. *A escuta do corpo: experiências musicais com pessoas surdas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CORRÊA, Rosana Glat. *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

SANTANA, Ana Paula. *Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus, 2007.



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



BOTELHO, Paula. *Linguagem e Letramento na educação dos surdos*. Belo Horizonte: Autentica, 2002.